

ABERTO AO PÚBLICO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A TIPOLOGIA PRISIONAL NO ESPAÇO URBANO

Estamos diante de um cenário conhecido: cárceres lotados, condições de vida sub-humanas e pouca ou nenhuma perspectiva de mudança. A realidade das penitenciárias brasileiras é marcada pela hostilidade e má gestão, e o último informe disponibilizado pela IN-FOPEM - sistema de informações estatísticas do sistema penitenciário brasileiro - indica, com dados extremamente alarmantes, onde estamos nesse contexto. O Brasil é o terceiro país com maior população carcerária do mundo, tem a maior taxa de aprisionamento da América Latina, suas prisões abrigando o dobro da capacidade e um número de privados de liberdade que aumentou em 700% desde a década de 90.

Se existe hoje muito mais gente por trás das grades do que existia há trinta anos, surgem inquietações: o sistema carcerário brasileiro é eficiente? As prisões contribuem para a reabilitação ou acentuam ainda mais a vulnerabilidade social?

Compreender por que penitenciárias são espaços que negam as condições básicas da dignidade humana e arriscar-se perguntar se é possível transformá-las é o ponto-chave desta investigação. Abster-se, enquanto profissional da arquitetura e do urbanismo, do debate de como se constrói o cárcere deixar perpetuar a degradação sistemática do indivíduo encarcerado. Ao negligenciar o desenho das prisões, se corre o risco de que estes espaços se tornem ainda mais desumanos.

Afinal, a prisão é um edifício com um programa social-

mente desafiador: usuários que a vivem 24h por dia, 7 dias por semana. Em tempos de deterioração, violência e perversidade existente no sistema carcerário brasileiro, é possível explorar uma nova solução para esses espaços a partir da arquitetura?

É importante ressaltar que este trabalho não pretende negar de forma inocente o sistema prisional e sua conjuntura. Trata-se, sim, de investigar um novo olhar sobre a prisão a partir de uma arquitetura que interfira positivamente na reinserção dos reclusos na sociedade. Para isso, propõe-se diretrizes que direcionam o objeto de estudo:

01 PERMEAR O ESPAÇO URBANO

Romper com a atual lógica do isolamento que existe entre a prisão e a cidade se torna fundamental, ainda

mais se tratando de uma investigação arquitetônica que busca, através do seu exercício, manifestar uma ideologia. Atravessar a barreira da neutralidade é um dever moral e, sendo assim, para revisitar verdadeiramente a tipologia de uma edificação como a da prisão, deveríamos procurar outras possibilidades e potências além da arquitetura. A contraposição de formas já institucionalizadas abrange não só pensar de uma nova forma o próprio edifício prisional, mas também a sua posição no espaço urbano e o que isso representa nos termos de uma cidadania responsável com todos.

02 ASSELMHAR-SE À VIDA EM LIBERDADE

Toda e qualquer prisão se enraiza em um paradoxo: possibilitar a reabilitação da vida em liberdade de um indivíduo através do encarceramento. No entanto,

existem caminhos possíveis de serem espelhados em modelos de prisões bem-sucedidas. Investigando estes exemplos carcerários, encontra-se um padrão comum que se resume na semelhança entre a vida dentro e fora da prisão. Quanto mais normal for a realidade que se tem dentro, mais fácil será o retorno para a realidade de fora.

03 TRANSFORMAR-SE ATRAVÉS DO COLETIVO

Uma aproximação possível para a questão que se apresenta é averiguar se a ineficiência do sistema decorre de uma falha inicial, na identificação do problema: a tentativa de *correção* do apenado enquanto *sujeito infrator*. Neste estudo, busca-se encarar a situação carcerária como um problema social, e não individual. A partir dessa abordagem, encorajar a formulação de

vínculos entre as pessoas e das pessoas com o espaço parece ser um bom caminho para uma transformação - e não *correção* - também coletiva, criando oportunidades de empoderamento dos detentos com autonomia e convívio social.

04 REABILITAR AO INVÉS DE PUNIR

Trasladar o caráter punitivo da pena para um reabilitativo parece ser a forma mais eficiente de encarar o problema carcerário. A pena cumprida há tempos não significa uma transformação individual e, sem uma nova instauração cognitiva, muitos penalizados cometem reincidência. Talvez seja a hora de uma obstinada busca pela elaboração de ambientes que de fato sejam propícios para o desenvolvimento pessoal, uma arquitetura comprometida com o dever de ressocializar.

UMA PRISÃO NA REGIÃO CENTRAL DE PORTO ALEGRE
Rompendo com a lógica segregacionista, um território simbólico. A prisão se implanta no coração de Porto Alegre, de frente para uma das faces do parque Farroupilha, a Redenção - um dos pontos turísticos mais marcantes da capital e também palco democrático de interação das diversas camadas sociais.

A região faz parte de uma área bem abastecida da cidade: ainda que predominantemente residencial, o bairro Santana apresenta serviços variados, educação e lazer. Nos fins de semana, sobre a Av. José Bonifácio ocorre a Feira Orgânica dos Agricultores e Ecologistas e o famoso Brique da Redenção, eventos que, além do tradicional movimento, fomentam o fluxo gastronômico da área e a vida urbana.

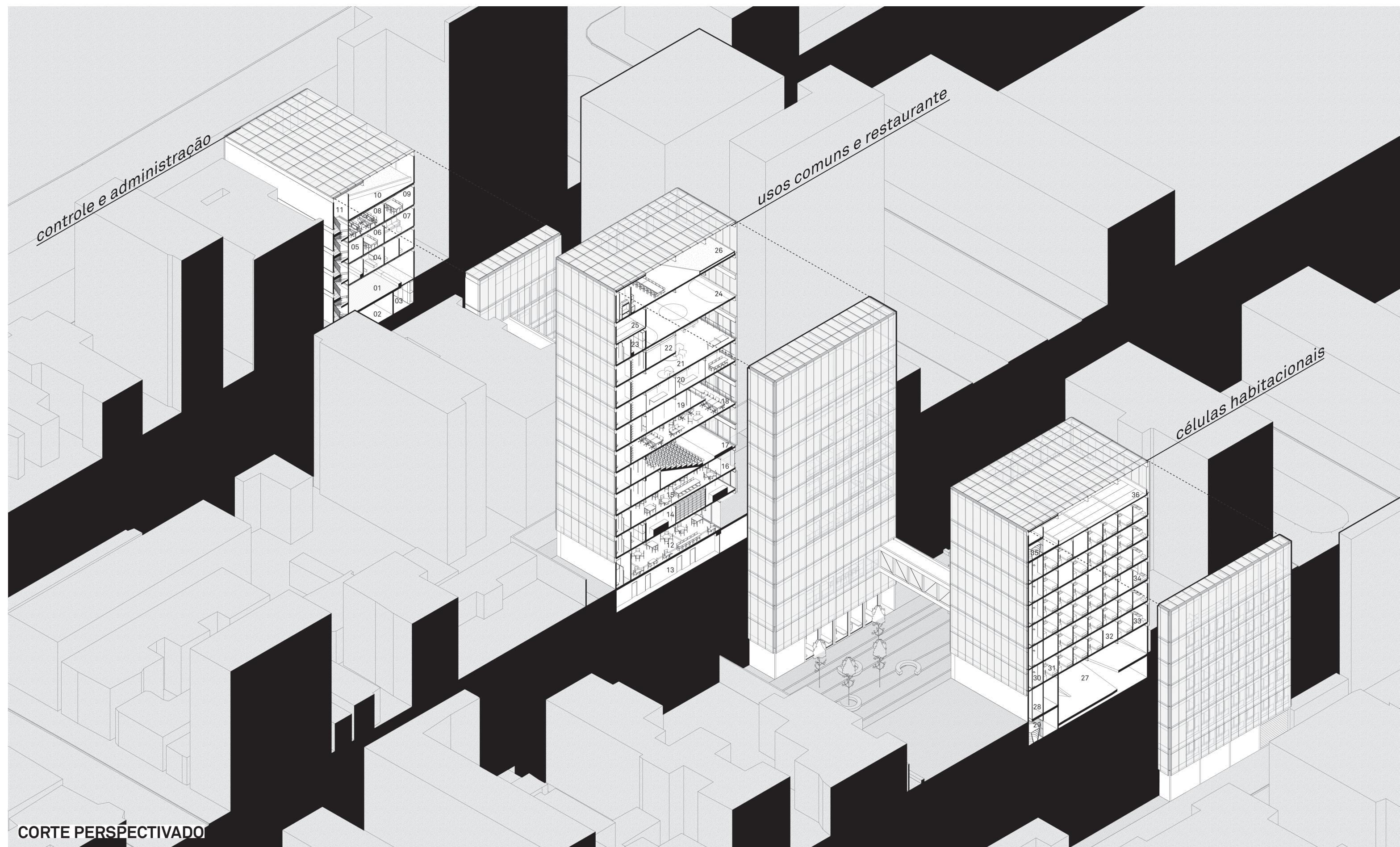
Localizada na região central e entre as avenidas João Pessoa e Osvaldo Aranha, o terreno possui fácil acesso de todas partes da cidade, característica vital para a manutenção das conexões e afetos provenientes da vida do detento externa ao cárcere.

O terreno mede aproximadamente 3.200m² e penetra o interior de quadra de nordeste a sudoeste, fazendo duas avenidas de fluxo moderado: na fachada mais estreita, a Av. José Bonifácio, e na mais larga, a Av. Venâncio Aires.

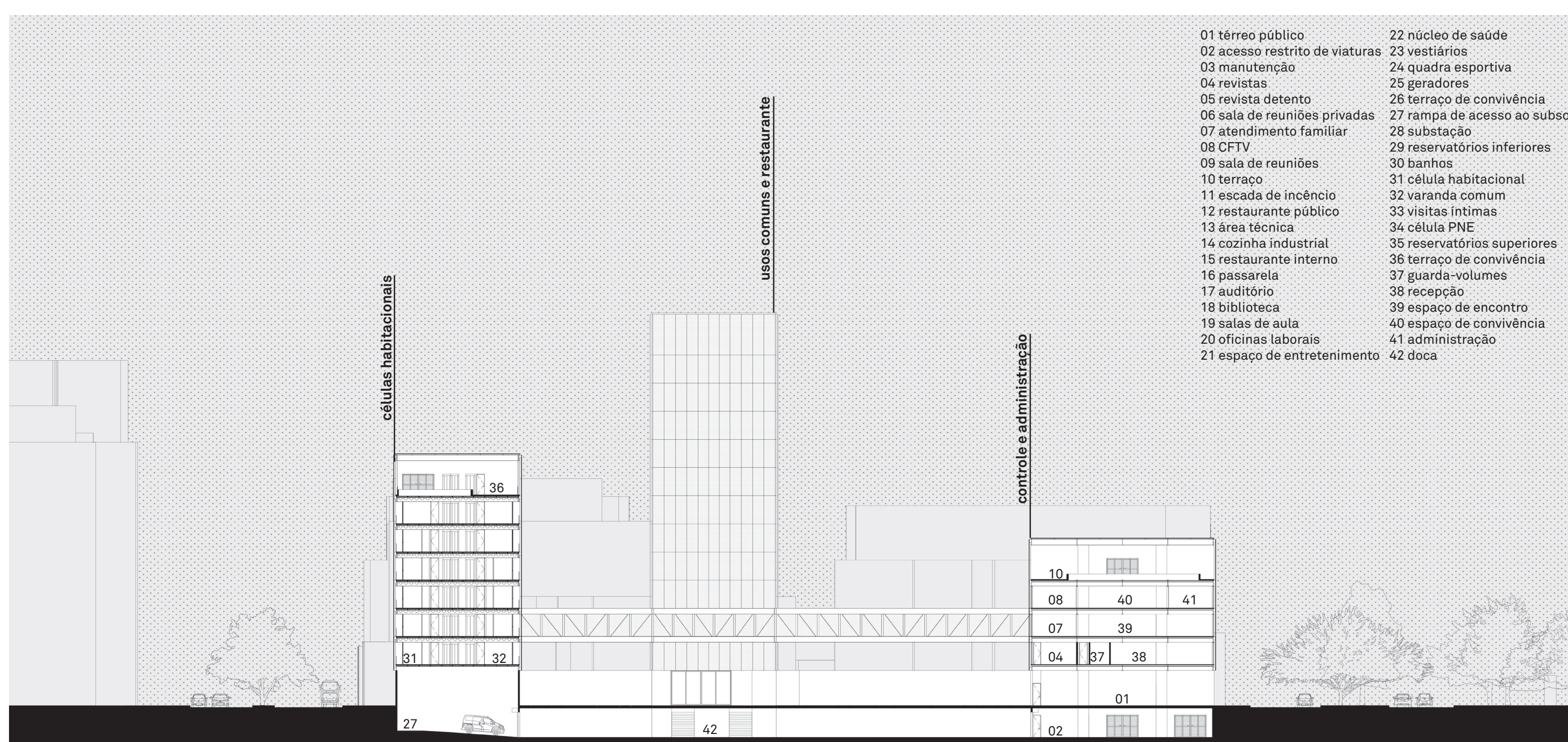
Desenvolve-se, neste estudo, uma penitenciária de baixa segurança pertencente a um regime de progressão de pena. O programa também engloba um restaurante aberto ao público que funciona a partir do trabalho interno dos reclusos, funcionando como elo de conexão entre o cidadão livre e o privado de liberdade.

ABERTO AO PÚBLICO

uma investigação sobre a tipologia prisional no espaço urbano



CORTE PERSPECTIVADO



- 01 térreo público
- 02 acesso restrito de viaturas
- 03 manutenção
- 04 revistas
- 05 revista detento
- 06 sala de reuniões privadas
- 07 atendimento familiar
- 08 CFTV
- 09 sala de reuniões
- 10 terraço
- 11 escada de incêndio
- 12 restaurante público
- 13 área técnica
- 14 cozinha industrial
- 15 restaurante interno
- 16 passarela
- 17 auditório
- 18 biblioteca
- 19 salas de aula
- 20 oficinas laborais
- 21 espaço de entretenimento
- 22 núcleo de saúde
- 23 vestiários
- 24 quadra esportiva
- 25 geradores
- 26 terraço de convivência
- 27 rampa de acesso ao subsolo
- 28 subestação
- 29 reservatórios inferiores
- 30 banhos
- 31 célula habitacional
- 32 varanda comum
- 33 visitas íntimas
- 34 célula PNE
- 35 reservatórios superiores
- 36 terraço de convivência
- 37 guarda-volumes
- 38 recepção
- 39 espaço de encontro
- 40 espaço de convivência
- 41 administração
- 42 doca

CORTE LONGITUDINAL



VISTA DESDE A AVENIDA VENÂNCIO AIRES

PRÊMIO IAB RS 2019
JOSÉ ALBANO VOLKMER